

ASSOCIAÇÃO PARA A DEFESA E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DE TORRES VEDRAS

1912
2012

SUPLEMENTO 30/11/2012

100 ANOS de ELECTRICIDADE

em TORRES VEDRAS



DAS TREVAS À LUZ

A História do Homem é a da luta contra as trevas. Milhares de anos de noite natural moldaram o físico e a mente para a ausência de sol. A descoberta do fogo foi o primeiro passo para vencer a noite e os medos. Fogo, força poderosa que é preciso domesticar. Durante milhares de anos o Homem travará luta tenaz para manter acesa a fogueira, confiná-la a um espaço, protegê-la. A arte rupestre nasceu em grutas onde ardiam fogueiras. Passo seguinte: transportar o fogo. E do tronco a arder chega-se ao archote embebido em materiais combustíveis. Os povos da Antiguidade criaram a lucerna, pequeno e manuseável objecto que transforma o fogo agressivo em chama fagueira. Mas é o fogo, sempre, causa de erros funestos, cidades em chamas, catástrofes, perdas infindas. Muitos de nós conhecemos ainda as velas, as candeias, os candeeiros, os petromaxes. Luzes frágeis mas sempre ameaçadoras. Mal cheirosas, causas de sufoco.

Finalmente, luz eléctrica! Revolução tecnológica, admirável mundo de nova luz. É disso que falamos hoje, 100 anos depois de a termos iluminar, pela vez primeira, a vila de Torres Vedras. Luz inicial, património de memória, que a Associação do Património de Torres Vedras evoca e saúda.



LUZ ELÉCTRICA EM TORRES VEDRAS

BREVE HISTÓRIA

É em 1895 que surge a primeira proposta para o uso da electricidade na iluminação Pública de Torres Vedras

De facto, na sessão da Câmara Municipal de 5 de Abril de 1895 "foi presente à Câmara uma proposta assinada pelo Sr. Eduardo Raposo, de Lisboa, oferecendo-se para tomar a seu cargo a iluminação da vila a luz eléctrica. O sr. presidente depois de ler a proposta, que é bastante desenvolvida, e de a acompanhar com judiciosas considerações, propôs que se nomeasse uma comissão para estudar o assunto e dar o seu parecer. Assim se resolveu ficando a comissão composta dos srs. vereadores Francisco Avelino, Xavier Paes e António Fivelim" (1).

Contudo, tal iniciativa não passou das boas intenções e a deficiência da iluminação pública torriense continuaria a ser encarada ainda por muito tempo quase como uma fatalidade

É assim que entramos no século XX lendo os protestos frequentes da imprensa local contra as condições da iluminação pública, à mistura com sugestões para resolver esse problema, como se podia ler na seguinte passagem de um desses artigos:

"É agora que em várias terras do país, quer pela sua importância, quer pela sua índole progressiva, se está modificando o seu sistema de iluminação, substituindo o petróleo por gás ou electricidade, agora que o comércio da

nossa terra se está emancipando da antiga luz, vindo-se já montados em vários estabelecimentos desta vila custosas instalações de gás acetileno, é agora, dizíamos, o momento oportuno de tratarmos a sério da iluminação pública" (2).

Opiniões como esta tiveram, no mínimo, a virtude de agitar os meios políticos de então, tendo levado a que surgisse ainda nesse ano uma proposta subscrita por Júlio Vieira e José Fernandez Alvarez para o fornecimento da luz eléctrica ao concelho, tendo a Câmara de Torres Vedras aberto um concurso público para a concessão do fornecimento de luz eléctrica, isto em Julho de 1902.

Mas, uma vez mais, e ao que consta por falta de concorrentes, é adiada a realização desse melhoramento

E entretanto continuam a chover, cada vez com mais frequência, protestos públicos nas páginas da imprensa de Torres Vedras, como este que, pela sua ironia, não resistimos a transcrever:

"Há certos melhoramentos, bens materiais e necessidades da vida que só se obtêm ou satisfazem muito de longe em longe, o que tanto vale dizer que é só quando o rei fez anos.

Ora acontece que sendo uso cá da terra, 'para poupar o petróleo', não se acenderem os candeeiros nas noites em que a folhinha marca luar, embora a lua se não veja, chova, ou faça trovões, os candeeiros de iluminação pública

foram acesos na noite da aclamação do rei, noite por sinal de um poético luar como dizia alguém, com certa graça. Tanto equivale dizer que nós só teremos boa iluminação na vila quando o rei é aclamado, isto é, uma vez na vida, e não quando o rei faz anos o que seria, cremos, uma vez em cada ano.

Ora em tal caso, nós somos apologistas de que sua magestade seja aclamada, pelo menos uma vez em cada noite de trovões que a folhinha anuncie luar, para assim adquirirmos a certeza de que poderemos caminhar pelas ruas da vila sem lanterna na mão, por falta de iluminação pública que é motivada — repetimos — 'para poupar petróleo'." (3).

Apesar de ainda nesse ano de 1908 a Câmara voltar a abrir novo concurso público para fornecimento de luz eléctrica, concurso novamente falhado, foi preciso, ao contrário do que ironicamente diz o texto, que se deixasse de uma vez por todas de aclamar os reis para finalmente se conseguir inaugurar a luz eléctrica em Torres Vedras.

A SOCIEDADE PROGRESSO INDUSTRIAL

A 24 de Dezembro de 1911 o jornal "Folha de Torres" anunciava finalmente que tinham sido "aprovadas superiormente as bases estabelecidas pela Câmara Municipal deste concelho para o concurso de iluminação de luz eléctrica da vila, com a restrição do prazo ser reduzido a 20

FRANCISCO PAULO UMA MEMÓRIA VIVA



Francisco do Nascimento Duarte Paulo, 91 anos, natural de A dos Dunhados. Frequentou o ensino secundário em Torres Vedras, após o que, em 1941, iniciou uma longa carreira nos Serviços Municipalizados de Torres Vedras, chegando a director. Foi dirigente de diversas colectividades torrienses: Misericórdia, Operário, Torreense e Física.

Em conversa connosco a propósito do centenário da electricidade em Torres Vedras, recordou a sua entrada para os Serviços Municipalizados em 1941, onde começou como 3.º escriturário e foi subindo a escala profissional até chegar a chefe de serviços.

Se no princípio havia apenas dois ou três funcionários, lá para o fim da sua carreira já eram quase 30. Nessa altura os Serviços estavam num edifício ao lado do Teatro-Cine e mais tarde passaram para a Praça da República.

Quando fui para os Serviços só havia a electricidade, entretanto passou a haver a água também. Éramos fornecedores de electricidade e água ao domicílio. A luz era fabricada em Torres, com uma geradora geral que funcionava a gasóleo e abastecia a vila e as aldeias mais próximas. A nossa vila foi ligada à corrente de alta tensão quando fizeram a ligação das outras aldeias.

Francisco Paulo recua no tempo e continua a recordar: começámos por Matacães, depois foi Runa, Ribaldeira e Dois Portos, confirmando, assim, uma informação que já nos tinha sido dada anteriormente: a electrificação do concelho de Torres Vedras começou por essa zona, porque era do lado do Sobral de Monte Agraço quer que vinha a linha nacional de alta tensão. Saiu dos Serviços em 1983, mas afirma com legítimo orgulho que quando saí já estava tudo electrificado.

Qual era o procedimento necessário para que a luz chegasse a uma aldeia ou freguesia?

Francisco Paulo diz que normalmente eram os responsáveis das freguesias que contactavam comigo e depois estabelecíamos a cobrança, pagavam em prestações, mas dependia sempre dos moradores. Eles quotizavam-se, vinham fazer a proposta, davam-nos o dinheiro e nós electrificávamos ou punhamos a água, e assim se andou durante muitos anos a electrificar as aldeias.

Todo esse movimento acarretou alterações importantes no funcionamento dos Serviços, que passaram a ter autonomia financeira. Mais tarde – em data que não recorda – apareceu a Companhia Nacional de Electricidade, que passou a ser a fornecedora, e os Serviços Municipalizados ficaram com o abastecimento de água. Mas é da luz que fala com mais entusiasmo: a transformação nas aldeias foi total. Já viu como é, a pessoa não ter nada, nem água nem luz, e depois passar a ter? Era uma maravilha!

Jorge Horta Ferreira e Joaquim Moedas Duarte

anos, e o mesmo contracto só poder incidir sobre a iluminação pública e particular da vila e portanto com a exclusão da força motriz, tracção ou aquecimento" (4).

Esse concurso seria ganho por uma companhia de Torres Vedras, a Sociedade Progresso Industrial, que se havia constituído por escritura de 1 de Abril de 1911, e tinha como associados João Ferreira Júnior, José Augusto Lopes, António Augusto Cabral, nomeado gerente da sociedade, e João Ferreira Guimarães Júnior, a quem mais tarde se viriam a juntar João Maria Castanho, João Ferreira Pinto, José Joaquim Miranda, Filipe Vilhena e Luiz França, este último proprietário da primeira sala de cinema de Torres Vedras, inaugurada em Maio de 1911.

No seu início, a Sociedade Progresso Industrial havia surgido tendo por objectivo a exploração mecânica da debulha do trigo e enfardamento de palha, com um capital de cinco contos. Mais tarde os seus estatutos serão alterados, não só para aumentar o número dos seus sócios, como já referimos, mas para alargar os seus objectivos à exploração da luz eléctrica em Torres Vedras, aumentando então o seu capital para 24 contos, verba que, segundo uma notícia publicada a 31 de Dezembro de 1911, era "o suficiente para a instalação e montagem de máquinas e rede, e ainda para desenvolver a exploração da indústria agrícola, que já exploraram na época passada" (5).

O contrato para a concessão da exploração da iluminação eléctrica foi assinado entre a Câmara e a Sociedade Progresso Industrial em 30 de Dezembro de 1911, concessão que seria aprovada superiormente por publicação no "Diário da República" de 20 de Janeiro de 1912.

Iniciaram-se então os trabalhos para a montagem de instalações e sede da Sociedade:

"A construção do edifício, para a estação central produtora da energia eléctrica, que será feita no Bairro das Covas, vai principiar em breve; as máquinas geradoras, dois esplêndidos motores Diesel, são fornecidos pela Casa HAROLD & C.ª, e todo o material eléctrico pela importante casa alemã Siemens" (5).

FINALMENTE...

Finalmente a 19 de Setembro de 1912 são publicadas as condições de fornecimento particular da electricidade.

A medida que os trabalhos se aproximavam do seu objectivo, começam a ser preparados os festejos para comemorar este importante melhoramento para Torres Vedras, ficando a data de inauguração marcada para 1 de Dezembro de 1912.

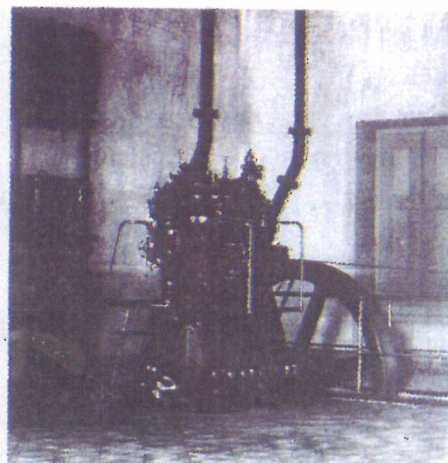
A 16 de Novembro realizaram-se entretanto as primeiras experiências da iluminação eléctrica.

"Effectuaram-se ontem à noite na rede publica experiências da iluminação eléctrica, o que fez com que as ruas se movimentassem de espectadores.

Foi uma surpresa agradabilíssima pelo belo efeito produzido, sendo todos concordes em afirmar a beleza da mesma luz.

Os arcos voltaicos, esses então, pelo seu efeito deslumbrante, causaram um verdadeiro delírio nos pontos onde foram acesos e que se achavam repletas de 'mirones'" (6).

Na sessão da Câmara de 21 de Novembro António Augusto Cabral participava "ter mandado abrir na sua pro-



priedade – quinta das Covas – uma rua de ligação entre a estrada distrital e a do Cais da estação do caminho de ferro, a qual ficará aberta ao público no dia 1.º de Dezembro próximo, deixando por isso de ter sobre o respectivo terreno quaisquer direitos de posse ou serventia exclusiva, ficando entregue à fiscalização municipal e alviando que essa rua, pelo facto de ser aberta ao público no dia da luz eléctrica e ainda por nela ficar a estação geradora de electricidade, se denomine Rua da Electricidade".

"Do mesmo senhor, como sócio gerente da 'Sociedade Progresso Industrial', comunicando achar-se concluída a montagem da rede para a iluminação pública e particular desta vila, devendo a respectiva inauguração realizar-se no dia 1.º de Dezembro próximo, ficando assim cumprida a parte aplicável do contracto celebrado entre aquela 'Sociedade' e esta Câmara, a quem convida para assistir àquela inauguração (...)" (6).

Chegava finalmente o grande dia com um variado programa de festejos, dando-se assim início a uma nova era da história de Torres Vedras.

Esta terra não seria mais a mesma a partir dessa data, mesmo quando, a partir da entrada de Portugal na grande guerra até aos anos 40, se registaram grandes problemas técnicos, económicos e políticos, que levaram a grandes alterações na "Sociedade Progresso Industrial", com reflexos negativos no fornecimento da luz eléctrica; mesmo que só no final dos anos 30 a electricidade viesse revolucionar a indústria torriense; ou mesmo que só nos anos 40 se tivesse iniciado a electrificação das freguesias rurais do Concelho.

NOTAS.

- (1) "A Semana" – 7/4/1895
- (2) "A Folha de Torres Vedras" – 20/4/1902
- (3) "A Folha de Torres Vedras" – 1-10/5/1906
- (4) "A Folha de Torres Vedras" – 24/12/1911
- (5) "A Folha de Torres Vedras" – 3/12/1911
- (6) "A Folha de Torres Vedras" – 17/11/1912

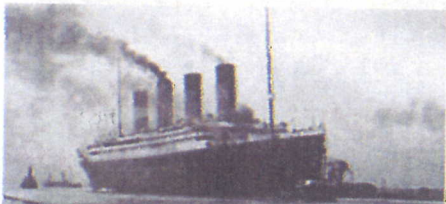


1912

O ANO EM QUE SE FEZ LUZ

NO MUNDO

O ano de 1912 ficou marcado para a história com dois trágicos e joquinos acontecimentos, a morte da equipa de exploradores do Pólo Sul, comandada por Robert Scott, em Março, e o afundamento do *Titanic* em 15 de Abril.



O ano foi ainda assinalado pela 1ª Guerra dos Balcãs, que culminou com a independência da Albânia, mas que abriu feridas profundas naquela região que estiveram na origem, dois anos depois, da Primeira Guerra Mundial.

O fecho *clair* apareceu pela primeira vez nesse ano, e Edgar Rice Burroughs criava a personagem de Tarzan, ao mesmo tempo que falecia o "pai" de Drácula, o escritor Bran Stoker. Thomas Mann publicou *A Morte em Veneza* e Bernard Shaw editou *Pigmalião*.

Em Paris teve lugar a primeira exposição do movimento futurista, enquanto Jean Gris, Pablo Picasso, Braque e Gleizes desenvolviam e teorizavam sobre o cubismo. Em Munique o expressionismo conhecia as suas primeiras manifestações.

Nesse ano realizaram-se os Jogos Olímpicos de Estocolmo, tragicamente assinalados com a morte do maratonista português Francisco Lázaro, acontecimento que muito impressionou os portugueses, tanto mais que essa foi a primeira vez que Portugal participou nesse evento desportivo.

Uma curiosidade desportiva desse ano foi a realização do primeiro jogo de futebol entre o Benfica e o Porto, tendo o clube lisboeta vencido por... 8 a 2.

NO PAÍS

Portugal entrava no segundo ano da República, e assistia ao início da instabilidade política e ao fim da unanimidade e das esperanças que alguns grupos sociais depositavam no novo regime.

Como resposta a uma greve geral, convocada em Lisboa pelos sindicatos anarco-sindicalistas, em solidariedade para com os trabalhadores rurais do Alentejo, o governo republicano respondeu com uma brutal repressão, encerrando as sedes sindicais, decretando o estado de sítio nos distritos de Lisboa e Setúbal e dando luz verde à Carbonária para assaltar violentamente a sede da União Sindical. A República começava aí a perder o apoio do operariado.

Nesse mesmo ano as divisões no seio dos republicanos acentuaram-se com a fundação do Partido Evolucionista de António José de Almeida e do Partido Unionista de Brito Camacho, em dissidência, juntamente com Machado dos Santos, com o histórico Partido Republicano Português liderado por Afonso Costa.

Em Coimbra, após a desorientação inicial face ao anticlericalismo que assinalou os primeiros meses de acção da República, o movimento católico reorganizou-se à volta do Centro Académico Democrata Cristão, que passou a ser dirigido, entre outros, por António de Oliveira Salazar e Gonçalves Cezeira.

Em Julho ocorreu a segunda incursão monárquica liderada por Paiva Couceiro, registando-se levantamentos monárquicos um pouco por todo o Norte do país em apoio desse movimento.

POR CÁ

Torres Vedras era então uma pequena vila com pouco mais de 2.600 habitantes, que representavam 6,8 por cento de um total de cerca de 39 mil habitantes na totalidade do concelho. A taxa de analfabetismo ultrapassava os 75 por cento, percentagem idêntica ao peso do sector agrícola. A seguir à agricultura, era o sector "industrial" o mais importante, representando cerca de 11 por cento dos profissionais do concelho, embora esta "indústria" fosse maioritariamente formada pelo artesanato tradicional.

O vinho era o principal produto do concelho, ultrapassando a soma da produção dos outros três produtos mais importantes, respectivamente a batata, o trigo e o milho. O vinho era também o principal produto exportado pelo concelho por caminho-de-ferro, seguindo-se a exportação de produtos florestais.

Nesse ano de 1912 os donos das quintas do Juncal, Macheia e Calvel eram os maiores contribuintes do concelho.

Publicavam-se então dois semanários, *"A Vinha de Torres Vedras"* e *"Folha de Torres Vedras"*, ambos fundados na década de noventa do século XIX, o primeiro como antigo porta voz local do Partido Progressista, extinto com a República, e o segundo porta-voz histórico dos republicanos.

Presidia então à Câmara, que funcionava administrativamente desde 8 de Outubro de 1910, Manuel Coelho Cláudio Graça, comerciante, militante do PRP.

Em termos políticos, Torres Vedras reflectiu as crescentes divergências no seio da família republicana, manifestadas na criação do Centro Republicano Torreense em Março de 1912, que esteve na origem da criação do núcleo local do Partido Evolucionista.

Neste concelho também se manifestaram os reflexos do efeito da segunda incursão monárquica de Paiva Couceiro, tendo o administrador do concelho orientado cerca de quatro centenas de civis armados, oriundos maioritariamente das freguesias de Runa e Dois Portos, para defenderem a vila, enquanto não chegavam tropas de Lisboa. Estas, aqui chegadas, efectuaram várias prisões de suspeitos de simpatia monárquica, tendo sido presas 37 pessoas, entre as quais sete padres de várias paróquias do concelho.

Data desse ano de 1912 a primeira fotografia conhecida do Carnaval de Torres Vedras, editada pela revista *"Ilustração Portuguesa"*, e que mostra um grupo de mascarados parodiando as tropas de Paiva Couceiro.



Foi nesta conjuntura que em Torres Vedras teve lugar a inauguração da luz eléctrica, acontecimento que culminou várias décadas de progressos técnicos que colocaram o concelho na senda da modernidade, iniciadas com a edição do primeiro jornal local em 1885 e com o funcionamento regular do caminho-de-ferro a partir de 1887.

Para os republicanos locais aquela inauguração, que teve lugar nesse histórico dia 1º de Dezembro de 1912, foi um sinal de esperança nos progressos prometidos pelo regime recém-nascido.

VM

ELECTRIFICAÇÃO DAS SEDES DE FREGUESIA

- 1946 - MATAÇÃES
- 1947 - RUNA
- 1947 - DOIS PORTOS
- 1952 - PONTE DO ROL
- 1954 - SIVEIRA
- 1954 - VENTOSA
- 1956 - TURCIFAL
- 1956 - CARMÕES
- 1957 - CARVOEIRA
- 1960 - RAMALHAL
- 1961 - A dos CUNHADOS
- 1961 - MACEIRA
- 1962 - MONTE REDONDO
- 1963 - S. PEDRO da CADEIRA
- 1964 - FREIRA
- 1965 - OUTEIRO da CABEÇA
- 1967 - MAXIAL
- 1968 - CAMPELOS

Programa

ASSOCIAÇÃO PARA A DEFESA E DIVULGAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL DE TORRES VEDRAS

CENTENÁRIO DA ELECTRICIDADE EM TORRES VEDRAS 1912-2012

30 NOVEMBRO
Publicação de Suplemento ao Jornal *"BADALADAS"*

1 DEZEMBRO
19h - LARGADA DO CARNAVAL
19h30 - DESFILE
20h30 - FOLHA DE TORRES VEDRAS
21h30 - FOLHA DE TORRES VEDRAS
por Costa Queiroz e Luís Filipe Rodrigues

1912 - PRIMEIRO CONCELHO A LUMAR POR ELECTRICIDADE
Exposição sobre a história da luz em Torres Vedras
Colaboração com Eng.º Paulo Gonçalves
ex-Chefe dos Serviços de Electricidade dos Serviços Municipais de Torres Vedras
Monitoramento de Redes
Investigação de Redes Locais

2 DEZEMBRO

CELEBRAÇÃO
MUSEU DA ELECTRICIDADE EM LISBOA
Partilha de 1912 sobre a luz em Lisboa
Inscrições gratuitas e gratuitas. 9h30-12h30 12h-19h30 19h30-21h30

3 DEZEMBRO

EXPOSIÇÃO DE TORRES VEDRAS
Exposição sobre a história da luz em Torres Vedras
Exposição sobre a história da luz em Torres Vedras
Exposição sobre a história da luz em Torres Vedras
Exposição sobre a história da luz em Torres Vedras



Suplemento da Associação para a Defesa e Divulgação do Património Cultural de Torres Vedras, na evocação do Centenário da Electricidade em Torres Vedras.

FICHA TÉCNICA

Coordenação:

Joaquim Moedas Duarte e Luís Filipe Rodrigues

Textos: "artigos escritos segundo a antiga ortografia"

Venerando de Matos, Luís Filipe Rodrigues, Moedas Duarte e Jorge Horta

Organização Gráfica:

José Pedro Sobreiro

Execução Gráfica:

Carlos António Ferreira